



Luiz Carlos Sá

# Soy Latino Americano...

**O** Airbus da TACA inclinou-se à esquerda. E mais, e mais... Parecia que ia estolar! Os passageiros do lado direito só viam o céu brilhante do verão andino, mas nós, do lado esquerdo, tínhamos à disposição o inesquecível cenário do vale do Urubamba, rasgado entre duas muralhas nevadas: verde e branco, verde e branco... Senti-me um pouco tonto e segurei a mão de minha mulher, lembrando o refrão de Belchior: “foi por medo de avião...”. Mas como não era a primeira vez, apenas sorri para ela. Estávamos realizando um sonho, e o sonho estava lá embaixo escondido em algum lugar. O avião finalmente nivelou e a comissária anunciou – como se a gente ainda não houvesse percebido... - a aproximação para a descida no Aeroporto Internacional de Cuzco, se é que se pode chamar “descer” o pouso de um avião numa pista a 3500 metros de altitude...

Algumas poucas horas depois eu já sentia os efeitos do soroche – o mal das alturas - já que em vez de descansar um bom dia inteiro eu me metera a andar por Cuzco, subindo e descendo ladeiras por entre cholas de saias coloridas e pivetes que insistiam em vender cartões-postais de todo tipo e gênero. Bufei, arfei e, afinal, derrotado, cheguei exausto ao hotel onde me foi oferecido um bom chá de coca, santo remédio! Não pense que dá barato: não dá. O barato é livrar-se daquela sensação de que você pode morrer a qualquer instante vitimado por uma súbita ausência de ar

---

**Passada a ressaca do réveillon crioulo, focamos naquilo que nos havia levado até Cuzco: conhecer Machu Picchu, a cidade sagrada do império inca. Era preciso acordar cinco e meia da manhã**

---

nos pulmões. Bebi o chá, mastiguei as folhas de coca e fui dormir. Tinha que estar preparado para a festa de ano novo. Sim, queríamos raiar 2003 no meio daquela formidável salada de gente que sempre ronda ali pelo império inca: velhos hippies, estudantes nórdicos, esquerdistas latinos, americanos desconfiados e até mesmo burguesas famílias brasileiras passeiam com a lentidão exigida pela altitude, à sombra das igrejas coloniais de tijolos ver-

melhos deixadas pelos conquistadores espanhóis, com seus alicerces de pedras roubadas da fina artesanaria quéchua. A fisionomia do povo cusquenho, moreno, de maçãs salientes e sorriso discreto mal esconde a tristeza da derrota de um império. Até hoje não é conveniente ser espanhol por ali. Seja brasileiro, chileno, argentino, europeu, canadense, até mesmo americano. Mas espanhol...

Afinal, chegou o 31 de dezembro. Já menos sujeitos ao soroche, compramos um vinho e saímos em busca de farra, encrenca, ou o que desse e viesse. Afinal, nem todo ano novo a gente passa em Cuzco, não é mesmo? Chegamos à Plaza de Armas e ficamos perplexos com o espetáculo que surgia aos nossos olhos: a praça fervia com uma multidão de todas as cores, credos e nacionalidades que pulava abraçada à roda da grandiosa e dolorosa lembrança colonial: “Uh, uh, uh, uh!”, fazia o povo, e lá fomos nós pro meio daquela zona, garrafa de vinho na mão e uma sensação estranha de ser a pessoa errada no lugar certo ou vice-versa. Rodamos a praça até a garrafa acabar e resolvemos sair em busca de outra. Numa daquelas ruas fomos abordados por três pivetes. Enquanto eles nos distraíam tentando vender cartões postais, um outro surrupiava minha câmera do bolso do casaco. Gol do Peru! Só fui perceber a mágica quando comprava a segunda garrafa de vinho. O orgulho carioca ferido pela malandragem local só foi consolado no dia seguinte quando achamos uma câmera idêntica por um preço irrisório. “Viracocha é justo”, pensamos, reverenciando o velho deus quéchua.

Passada a ressaca do réveillon crioulo, focamos naquilo que nos havia levado até Cuzco: conhecer Machu Picchu, a cidade sagrada do império inca. Era preciso acordar cinco e meia da manhã e pegar o trem que nos levaria através do vale do indomado Urubamba até a raiz da montanha mágica, na vila de Águas Calientes, uma viela horizontal à margem de um ribeirão afluente.

Não queira saber o que é essa viagem. Ao seu lado corre o Urubamba, rápido, cruel, impiedoso, límpido, transparente, histórico, indomável. Acima de você ponteiavam inacreditáveis e verticais paredões cobertos de verde, como que cuspidos para o céu por uma força insuspeita. Como esse meio ambiente poderia ter criado outro império que não o Inca? No meio daquela zorra pontuada pelo som das quenás e zampoñas eu pensava que afinal era feliz pelo simples fato de estar ali compartilhando visões do paraíso com centenas de criaturas parecidas comigo...

Em Águas Calientes entramos no ônibus que sobe o ziguezague montanha acima rumo a Machu Picchu. Na subida, imaginamos muitas coisas a partir daquela mágica viagem de trem: haveria alguma coisa melhor do que aquilo tudo que já víamos? Seria Machu Picchu mais folclore do que fato, uma coisa apenas turística e nada mística? A viagem de ônibus até o pico é

---

**Nada é igual a Machu-Picchu.  
Não há outro lugar pra sentir  
o que você pode sentir lá.  
A visão da cidade perdida me  
impressionou**

---

na realidade um corta-onda diante da ferrovia: você vai subindo naquela coisa desengonçada, diferente da elegância do trem que corta o vale do rio selvagem. É só uma subida de serra, igual a tantas outras. É uma Rio-Petrópolis primitiva, metida a besta e corporativizada. Subir o Cristo dá de dez. Óquei, peruaño, exagerei! Vamos chegar lá direto e nos deslumbrar com a força de uma civilização.

Nada é igual a Machu-Picchu. Não há outro lugar pra sentir o que você pode sentir lá. Eu, particularmente, sou um cara muito terra-a-terra. Não tenho nenhum ranço místico, esperança extra-sensorial, etc. Sou chapado naturalmente pela realidade das coisas. Mas a visão da cidade perdida me impressionou. Fiquei pensando em como o aventureiro-arqueólogo Hiram Bingham, que descobriu a cidade no início do século 20, deveria ter se sentido enquanto tirava o mato de cima dos terraços quéchuas. Num dos mais íngremes, você jura que está prestes a despençar na vertical até o fio do Urubamba, lá abaixo.

Eu queria ter feito a trilha Cuzco-Machu Picchu em cinco dias a pé, subindo e descendo a cordilheira? Claro. Mas se já estava sendo vítima do soroche aos 3500 metros, imagine subindo os íngremes de graus da trilha inca, que chegam a quase 5000... Não ia dar. Preferi então voltar a Cuzco e sair por ali pelo vale, chapando com as gigantescas pedras negras da fortaleza inca de Sacsaywamán, onde a gente fica tentando descobrir como os filhos de Viracocha conseguiam cortar e empilhar de maneira tão precisa aqueles blocos titânicos. Embrenhamo-nos por dentro da fortaleza, sentindo o peso dos séculos e aquele estranho clima que paira sobre as ruínas incas, um misto de tristeza e grandiosidade que nos deixa humildes e reverentes. Assim

mesmo, humildes e reverentes, embarcamos no trem de volta a Cuzco. Às vésperas da partida para Lima, perguntamos no hotel onde as coisas aconteciam e a proprietária nos indicou o El Molino, um bar esperto e tão cosmopolita quanto poderia ser. Trajando minha melhor cara-de-pau, levei um CD de Sá, Rodrix & Guarabyra no bolso do casaco. Queria saber como soaríamos em tão vetusta e colonial cidade. Chamei o proprietário e ele ficou profundamente agradecido pelo CD. Presenteou-nos de volta com duas canecas com o nome do bar, as quais guardo em casa até hoje com todo o cuidado, ao lado do boizinho folclórico, protetor das casas cusquenhas, que minha mulher ganhou de uma pequena artesã durante um outro passeio a Ollantaytambo. Raros tesouros, os de amizade. Prefiro que partam meu inexistente vaso Ming em mil pedaços a perder sequer uma lasca de orelha do boizinho cusquenho.

Voltar à capital, que já havia sido nossa primeira escala na viagem, virou um bode. Quando desembarcamos no aeroporto de Lima, na vinda, havia acontecido uma coisa estranhíssima: pegamos um táxi, uma Scénic tirada do ponto por insistência do guarda. No meio do caminho, o motorista simulou um enguicho e nos “vendeu” a um colega menos abençoado. Imediatamente depois de embarcados no segundo táxi, que mal conseguiu se arrastar até o hotel, vimos o primeiro dar meia volta em direção ao aeroporto. Detalhe: para ser taxista em Lima basta colar um adesivo escrito “táxi” no pára-brisa... E agora? Resolvemos apelar pro “especial” e desta vez chegamos ao hotel sem maiores incidentes, à custa, porém, de uma boa quantidade de verdes doletas.

À tarde, procurando um restaurante japonês, fomos parar num shopping que parecia saído de São Paulo. Fiquei lá de cima da falésia olhando o Oceano Pacífico, com quem eu já fizera amizade no quintal da casa de Neruda, na Isla Negra, Chile. O Pacífico é diferente, mais escuro, mais sério, parece perguntar a você se não seria do seu desejo jogar-se imediatamente daquela falésia e afogar-se batendo continência. Para entender Neruda em profundidade é preciso mirar o olho do Oceano Pacífico. Nosso Atlântico é um farrista, irresponsável e incosequente. Vide Ipanema.

Então, se você já viu a Torre Eiffel gloriosamente iluminada para o Natal, já se deslumbrou com o amarelo inacreditável de um outono no Central Park, já subiu ao topo do Vesúvio e passou pelas ruas fantasmiais de Pompéia, já viu o dourado das cúpulas do Kremlin, atravessou as pontes entre Buda e Pest e ajoelhou-se diante do esplendor do Taj Mahal, que bom! Mas não ouse morrer sem ir a Machu Picchu. Posso considerar isso uma desfeita pessoal.

